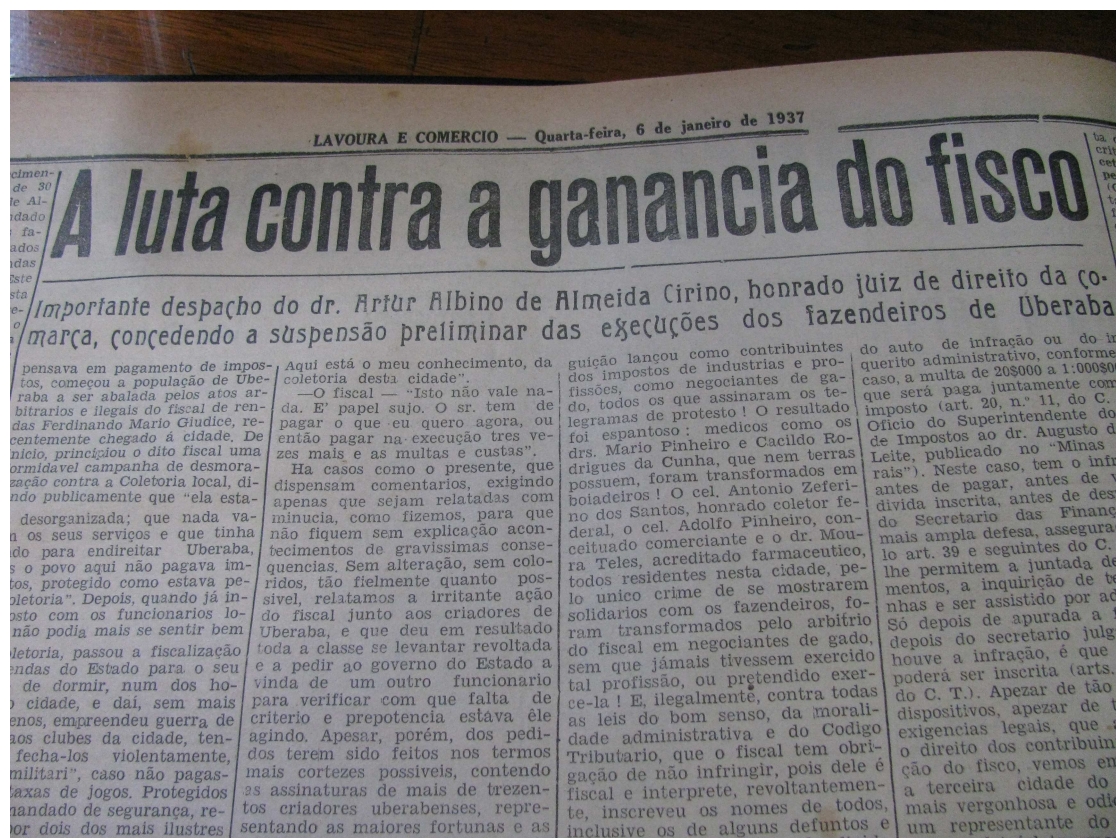


existente, atuando e controlando a política local. Esse é um dos pressupostos que demonstram a existência de um intenso conservadorismo na região voltado ao controle total da política, negando quaisquer outros atores externos entendidos como “forasteiros”. Os pressupostos inerentes ao liberalismo filosófico do século XIX apresentavam contradições na região. Ao mesmo tempo em que defendiam o ideal de progresso para a região, negavam a chegada de novos atores para a política. Da mesma forma que defendiam outra ordem estatal para o país, negavam os custos dessa mesma ordem, mantendo a região, tal qual nos séculos passados, com formas de pensamento oriundas ao coronelismo.



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 06 de janeiro de 1937

Essa contradição se manifesta no próprio entendimento das mudanças em curso no país e suas potencialidades de melhoria das condições econômicas e sociais existentes na região. A construção gradativa embrionária no governo Vargas do processo desenvolvimentista que culminaria, anos à frente, no modelo nacional desenvolvimentismo de Juscelino Kubistchek, eram percebidos na região, entendendo o governo varguista como sinônimo de

prosperidade e avanço. Assim, era enaltecida a instauração de novas agências bancárias e decisões operacionais da Ferrovia Mogiana voltadas ao atendimento da cidade através do transporte de sua produção e de passageiros, facilitando a circulação das mercadorias.

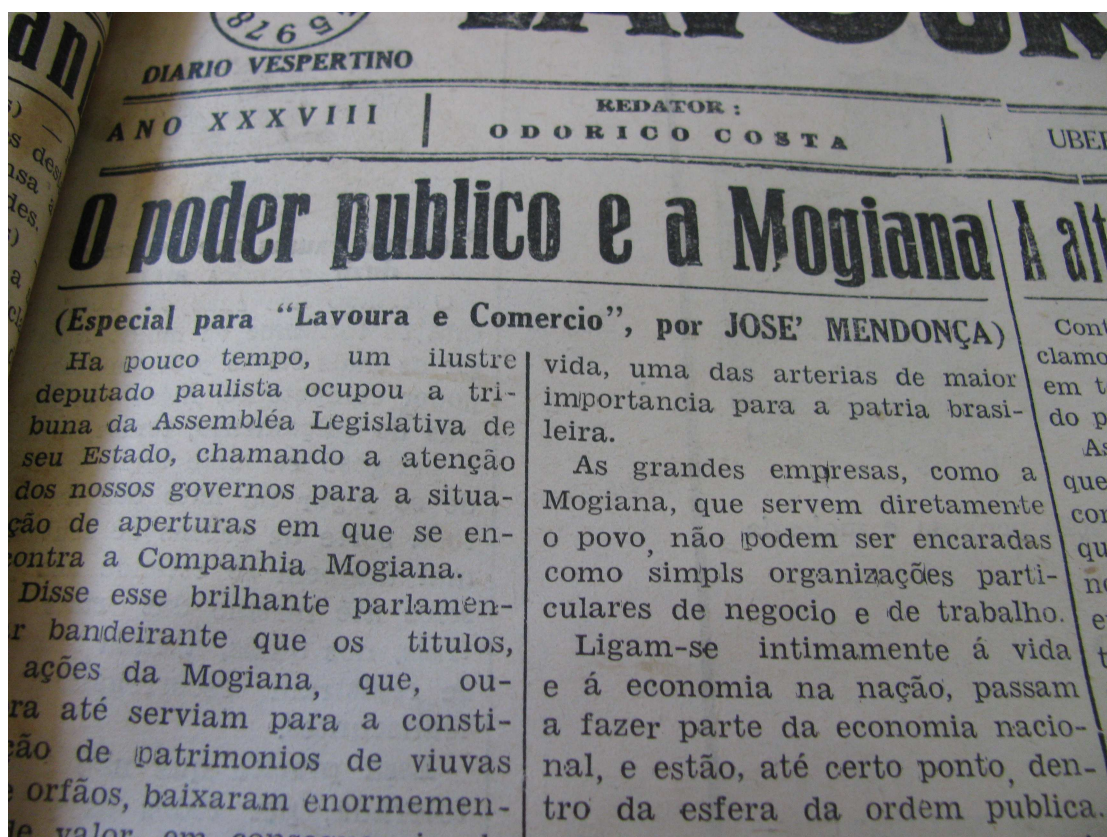


Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 26 de janeiro de 1937



Menelick de Carvalho – Prefeito de Uberaba.

Fonte: http://www.uberaba.com.br/portal.cgi?flagweb=pgn_hf_prefeitos&id=110 Acesso dia 5 de janeiro de 2011 às 22 horas



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 13 de janeiro de 1937

É assim que, da mesma forma que enalteciam a chegada do Banco do Brasil na cidade e, com ele, a possibilidade de aumento de investimentos e financiamentos econômicos na produção, utilizavam-se do meio de imprensa para chamar a atenção sobre a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

A Mogiana era responsável pelo escoamento da produção agrícola da região para o Porto de Santos e das demais regiões do país. A luta pelo atendimento da Mogiana significava a extensão do progresso na região, garantindo, além do escoamento da produção, a circulação de passageiros e prestígio político.

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro fundada em 18 de março de 1872 teve quase 2000 quilômetros de linhas, serviu aos estados de São Paulo e Minas Gerais até 1971, quando foi incorporada à Fepasa - Ferrovia Paulista S.A. O primeiro trecho da Mogiana foi inaugurado em 3 de maio de 1875, ligando Campinas à Jaguariúna, na época Jaguary. Em 27 de agosto do mesmo ano a linha chegava à Mogi Mirim e em 15 de novembro era inaugurado o ramal entre Jaguariúna e Amparo. O último trecho foi inaugurado em 1921, quando os trilhos da CM chegaram em Passos-MG. Inicialmente denominada Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação, teve seus primeiros 50 anos, marcados pela expansão de suas linhas ou

tentativas de fusão com a Companhia Paulista. Em 1936, cria a Companhia Mogiana de Transportes, mais tarde Rodoviário da Cia. Mogiana. A segunda metade de sua vida é marcada pela crise financeira que culmina com a sua encampação pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1952. Nesse mesmo ano, inicia o processo de dieselização com aquisição das primeiras locomotivas diesel-elétricas GE-Cooper Bessemer, continuando em 1957, com a chegada de 30 locomotivas EMD-GM e em 1960, mais 23 locomotivas GM-EMD. Dos 2.000 km de linhas que possuía em 1922, em 1970 restaram apenas 1.500 km, sendo que vários ramais foram desativados entre 1956 à 1970. (Fonte: <http://www.cmef.com.br/> acesso dia 01 de maio de 2011, 8 horas).

Os rumos da Mogiana afetavam todas as cidades do Triângulo Mineiro. Uberlândia foi um exemplo desta afirmação.

“O discurso dos governantes locais de que Uberlândia é um ponto estratégico no país, é explicado pela historiadora Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes, autora do livro “Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos” (Edufu – 2010). “A cidade não era um ponto estratégico. Criou-se estratégica”, afirmou. Segundo ela, depois da implantação da Mogiana outros empreendimentos foram criados, como o de Itumbiara, onde foi construída a ponte do Rio Paranaíba, que ligou Goiás a Minas Gerais. Isso fez com que Fernando Vilela abrisse estradas que permitiam a ligação até Uberlândia, cobrando pedágio de quem passasse pelo caminho. Isso desenvolveu ainda mais a região. “Você tinha uma ponte que ligava Goiás e outros estados à Minas. Tinha estradas que levavam até Uberlândia e daqui partia o trem que fazia o trajeto até o Porto de Santos, para escoamento. Por isso, a cidade foi se criando estrategicamente e assim é até hoje. (...) Construída entre 1888 e 1889, a linha do Catalão da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro chegou a Uberabinha (Uberlândia) em 1895 e a Araguary (Araguari) em 1896. Era a continuação da linha Rio Grande a partir da estação de Jaguará, às margens do rio Grande e já em território mineiro. O objetivo era chegar até Catalão-GO e ligar a região a Belém do Pará, o que não aconteceu. A Estrada de Ferro de Goiás construiu este trecho, chegando a Goiânia e Brasília. Em 1915, o ramal de Igarapava foi prolongado para além de Igarapava de forma a alcançar a linha do Catalão um pouco antes de Uberaba. A nova linha era mais econômica que o trecho do Catalão entre o rio Grande e Uberaba, o que fez com que fosse abandonado definitivamente em 1976, depois de ser separado da linha do Rio Grande em 1970 por causa da construção da represa de Jaguará. (Fonte: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/a-estacao-que-determinou-o-desenho-urbano-da-cidade/> acesso dia 12 de fevereiro de 2011, 11 horas.)

A Mogiana representava um movimento de expansão do capitalismo monopolista na região. Esse processo se explicava pelo próprio crescimento do imperialismo no planeta que implicava em processos de controle econômicos dos países subordinados em relação ao desenvolvimento capitalista. Lucena

(2004), citando Lênin¹⁸, afirma que o controle ocorria da seguinte forma:

Em primeiro lugar, a privação das matérias-primas. Em segundo lugar, a privação da força de trabalho por meio de alianças, ou seja, os acordos entre os capitalistas e os sindicatos, nos quais os últimos só aceitavam trabalhar em empresas cartelizadas. Em terceiro lugar, a privação dos meios de transporte e seu desdobramento com o encerramento de mercados para vender as suas mercadorias. Em quarto, construção de acordos com os compradores, em que os mesmos se comprometem a manter relações apenas com os cartéis. Em quinto, redução dos preços para destruir a concorrência e, por último, a privação dos créditos até o boicote total. Com relação à privação de créditos, nota-se que os bancos, com a ascensão do imperialismo, passam a ter um papel fundamental para gerir o sistema. Além de intermediar os pagamentos, os mesmos colocam-se à disposição das classes capitalistas, exercendo uma imensa função de controle para os grandes monopólios. (Lucena, 2004: 24-25)



¹⁸Os capitalistas dispersos acabam por constituir apenas um único capitalista coletivo. Se atendermos à conta corrente de alguns capitalistas então parecerá que o banco se dedica apenas a operações puramente técnicas, unicamente subsidiárias. Porém, quando estas operações tomam uma extensão formidável, daí resulta que um punhado de monopolistas subordina a si as operações comerciais e industriais da sociedade capitalista em bloco; antes de mais nada, graças às contas correntes e outras operações bancárias eles podem conhecer exatamente a situação de tal ou tais capitalistas e, em seguida, controlá-los, agir sobre eles, alargando-lhes ou restringindo-lhes, facilitando-lhes ou entravando-lhes o crédito e, finalmente, determinar inteiramente a sua sorte, determinar os rendimentos de suas empresas, privá-los de capitais, ou permitir-lhes aumentá-los rapidamente em proporções enormes, etc. (Lenin, 1987: 35).

Oficina da Mogiana em Campinas, SP. Fonte: <http://www.cmef.com.br/> acesso dia 10 de março de 2011, 9 horas.



Interior das oficinas da Mogiana na década de 1930.
Fonte: <http://www.cmef.com.br/> acesso dia 10 de março de 2011, 9 horas.



Estação de Ferro de Uberaba na década de 1920
Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/mogiana_triangulo/uberaba.htm acesso dia 10 de março de 2011, 9 horas.



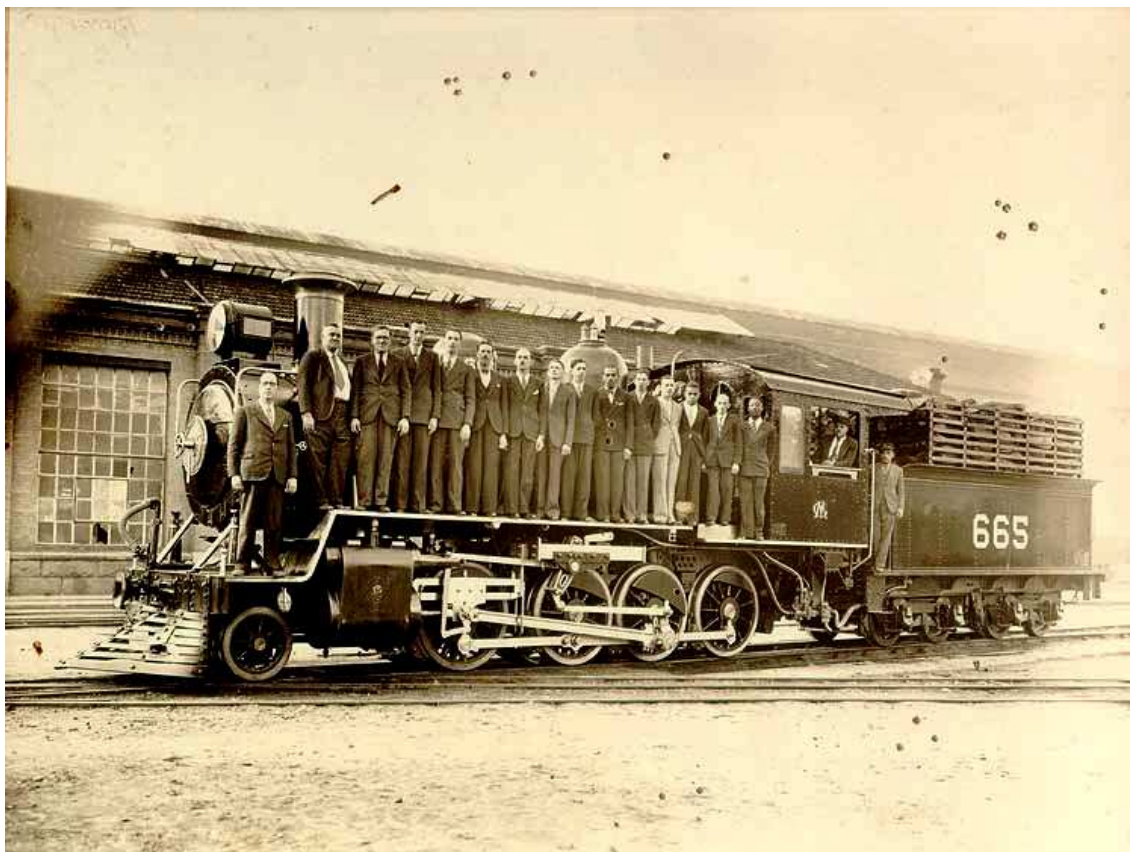
Pavilhão Mogiana - Uberaba

Fonte: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,7762> acesso dia 10 de março de 2011, 9 h 30 m.



Estação de Ferro da Mogiana em Uberlândia 1895.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Esta%C3%A7%C3%A3o_Mogiana_de_Uberl%C3%A2ndia_MG.jpg acesso dia 10 de março de 2011, 9 h 30 m.



Entrega oficial da 665 tipo Consolidation, fabricada pela CM, com esforço de tração de 11.465 kg à 85% de pressão na caldeira. (Foto do acervo do Museu da CP - Jundiaí) Fonte: <http://www.cmef.com.br/> acesso dia 10 de março de 2011 9 horas.

O comunismo era alvo de críticas do segmento na região manifestas na imprensa. A crítica ao comunismo soviético estava presente em todas as correntes políticas existentes na região do Triângulo Mineiro manifesta pela imprensa. O que se desenvolvia era um movimento anti-comunismo na região movido por discursos materializados desde a crítica da insuficiência e incompetência política, até a sua satanização tal qual demonstraremos um pouco mais a frente. A imprensa era utilizada como instrumento para a construção do terror da população letrada ao comunismo.

O jornal era utilizado como instrumento de desmoralização da URSS, satirizando a constituição soviética e seus enunciados. A dimensão vanguardista do partido comunista soviético presente no artigo 126 da constituição que no entendimento do jornal manifestava a estrutura de dominação do partido para com os trabalhadores. O artigo 125 também era alvo de críticas. O direito à liberdade de reuniões, manifestações e cortejos era visto com total desconfiança pelo jornal. O jornal fazia a leitura da constituição dentro dos pressupostos liberais existentes na região, entendendo que aquilo

que o referido artigo indicava era um direito natural ao qual o regime comunista soviético negava por sua própria essência de ausência de liberdade. Daí a afirmação: *dizer a um preso que está livre sem que ele saia da prisão*.

O jornal agia em sintonia com um movimento de cunho liberal internacional que construía ideologias em torno do comunismo como sinônimo de ausência de liberdade e patriotismo. Esses são os pressupostos que permitiram a construção da crítica aos artigos 132 e 133 referentes à obrigatoriedade do serviço militar na URSS. O jornal era utilizado como instrumento de propagandas manipuladoras do comunismo com um processo de terror permanente. O comunismo demonstrado como uma espécie de horror permanente acaba por fascinar parcela considerável da população que dele tenha acesso, pois, apesar de nada mostrar, elaboram-se representações sobre aquilo que possa ser.

Moreira (2007) citando Grant Duwe aponta que a divulgação de notícias sobre episódios violentos provoca aumento do medo na população. O medo tornou-se combustível para o entretenimento, para o show, para o espetáculo. O que está em jogo é a influência nos seres humanos não só sobre o *que* pensar, mas também sobre *como* pensar.

Esse processo se explica a partir da construção de ideologias manifestas pelas concepções de mundo apresentadas por seus interlocutores através da imprensa. Marx e Engels realizam uma longa discussão sobre a questão da ideologia em “A Ideologia Alemã”. O objetivo principal da obra era elaborar uma teoria da revolução e estabelecer o sujeito do processo revolucionário por eles identificado como o proletariado. Ao abordarem a ideologia, tomam-na como falsa consciência, ou seja, que os homens não compreendem as forças presentes no processo de vida. Ao mesmo tempo, afirmam que os homens são os sujeitos da história que não se desenvolve apenas no universo das ideias, mas sim vinculada com o mundo real.

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que baixa do céu à terra, aqui subimos da terra para o céu. Isto é, não se parte do que os homens dizem, se representam ou se imaginam, nem tampouco do homem predicado, pensado, representado ou imaginado, para chegar ao homem de carne e osso; parte-se do homem que realmente age e, partindo do seu processo de vida real, se expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas que se condensam no cérebro dos homens são sublimações necessárias de seu processo

material de vida, processo empiricamente registrável e sujeito a condições materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia e as formas de consciência que a elas correspondem perdem, assim, a aparência de sua própria substantividade. Não têm sua própria história nem seu próprio desenvolvimento. Ao contrário, são os homens que desenvolvem sua produção material e seu intercâmbio material que mudam também, ao mudar esta realidade, seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (...) os homens reais e atuantes são os produtores de suas representações, de suas idéias, etc., tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento das forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais amplas. A consciência só pode ser o ser consciente, e o ser dos homens é seu processo de vida real. E se em toda ideologia os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, como a inversão dos objetos ao projetar-se sobre a retina resulta do seu processo de vida diretamente físico. (Marx, Engels, 1977: 46)

Contudo, não podemos negar a predominância das condições materiais que dão sentido e concretude às ideias; é um processo de classe social que impõe preceitos e projetos de vida, apontam prerrogativas e colocam objetivos expressos em visões de mundo em disputa. Marx e Engels em “A ideologia Alemã” afirmam que:

[...] as idéias da classe dominante são as idéias dominantes em cada época; em outros termos, a classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe com isso, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, o que faz com que submetam a si, no tempo devido, em termos médios, as idéias dos que carecem dos meios necessários para produzir espiritualmente. As idéias dominantes não são outra coisa que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as mesmas relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, as relações que fazem de uma determinada classe a classe dominante são também aqueles que conferem o papel dominante à suas idéias. Os indivíduos que formam a classe dominante têm também, entre outras coisas, a consciência disso e pensam sintonizados com isso; por isso, quando dominam como classe e quando determinam todo o âmbito de uma época histórica, se compreende de imediato que o façam em toda extensão e, portanto também, entre outras coisas, enquanto pensadores, enquanto produtores de idéias, que regulem a produção e a distribuição das idéias de seu tempo; e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época. Por exemplo, em uma época e em um país onde a coroa, a aristocracia e a burguesia disputam o poder entre si, no qual se acha, portanto, dividida a dominação, se impõe como idéia dominante a doutrina da divisão dos poderes, proclamada agora como “lei eterna”. (Idem. *ibid*: 47)

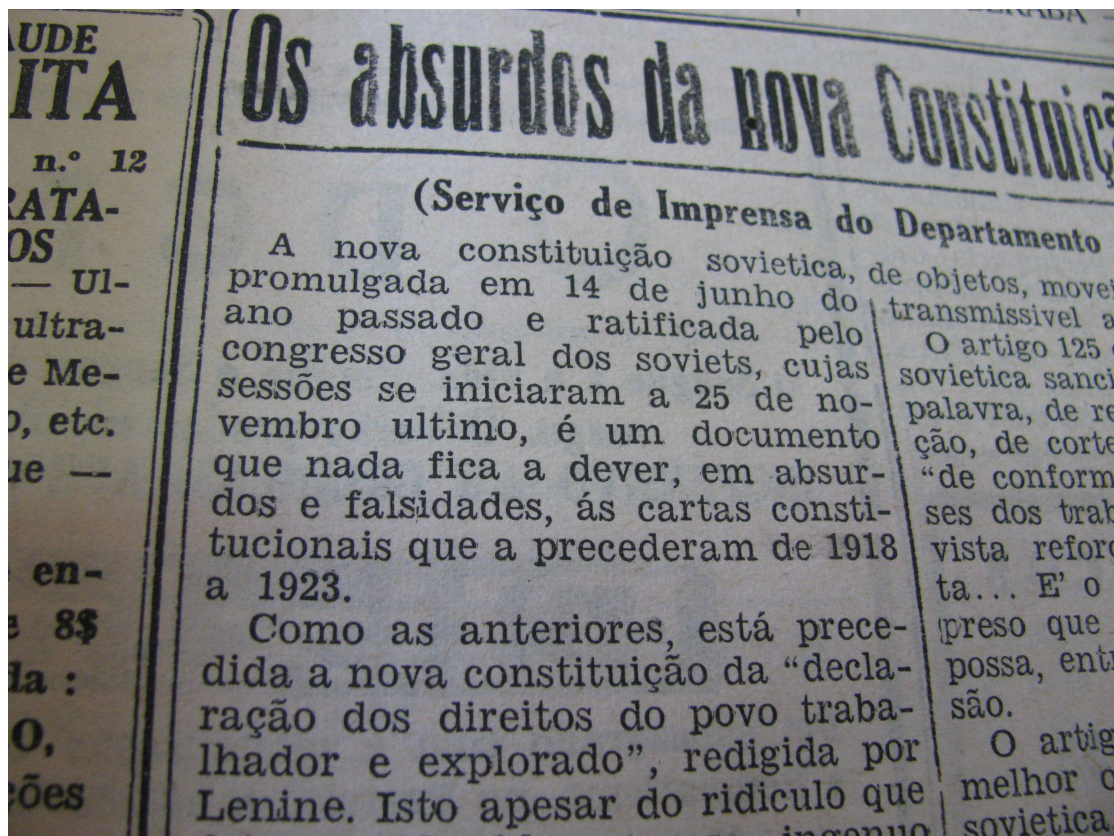
Marx e Engels ressaltaram em “A ideologia alemã” a força das ideias capaz de introduzir mudanças nas bases econômicas que originou tais ideias. Destacaram a ação humana como práxis que poderia transformar a realidade vivida. Ao realizarem esse percurso, apontam conceitos como ser social - relações materiais dos homens com a natureza e entre si que existem em forma objetiva, isto é, independente da consciência -, consciência social - as ideias políticas, jurídicas, etc., meios de produção - e forças produtivas - os meios de produção, os homens, sua experiência de produção, seus hábitos de trabalho.

Tanto o materialismo histórico, como o dialético se baseiam em princípios norteadores que constituem a essência da problematização da sociedade. O primeiro faz referência à materialidade do mundo. A categoria filosófica de matéria relaciona-se com sua propriedade de ser objetiva, isto é, de existir independente da nossa consciência e sendo refletida por ela. Os sistemas concretos sob os quais se apresentam a matéria não são criações subjetivas. Eles existem objetivamente e respondem a certos princípios que revelam integrações, unidades, etc. O movimento é o modo de existência da matéria. A matéria não existe sem o mesmo. Separar o movimento da matéria equivale a separar o pensamento da realidade objetiva. O segundo aponta que a matéria precede a consciência. A análise da consciência só se constitui com a concretização do próprio homem. A consciência é a propriedade da matéria mais altamente organizada que existe na natureza, o cérebro humano. Sua grande propriedade é refletir a realidade objetiva. As percepções, representações, conceitos e juízos, todos eles são imagens, reflexos da realidade objetiva. O terceiro, o materialismo afirma que o mundo é conhecível. Ao realizar essa afirmação, nega toda e qualquer afirmação metafísica sobre a origem e o destino da humanidade.

A prática social é uma categoria fundamental dentro dos princípios do materialismo histórico e dialético. A mesma não se separa da teoria, mas sim faz parte de um conjunto que delinea as relações sociais: ambas são frutos da ação humana. A teoria e a prática são categorias que designam os aspectos espiritual e material da atividade objetiva sócio-histórica dos homens. A teoria é o resultado da produção espiritual social-histórica dos homens.

A prática é toda atividade material, orientada a transformar a natureza e a vida social. A solução de contradições teóricas é possível unicamente pela

vida prática. Marx e Engels em “A ideologia alemã”, em suas teses contra Feuerbach, as que fixam as bases da prática como critério da verdade, afirmam que a única maneira segura de distinguir os homens dos animais dá-se quando os seres humanos produzem os seus meios de vida, a sua vida material. A educação de um tempo é o reflexo dessas complexas relações sociais. Ela expressa as relações materiais expressas pelo homem presentes na história.



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937

em absur-
as consti-
n de 1918

á prece-
"decla-
traba-
ida por
ulo que
ngenuo
dos
adão",
ncêsa.
teres-
os di-
e que
ieda-
tiva,
nfis-
co-

ção, de cortejo, etc. de manifesta-
"de conformidade com os interes-
ses dos trabalhadores e tendo em
vista reforçar o regimn socialis-
ta... E' o mesmo que dizer a um
preso que êle está livre, sem que
possa, entretanto, sair de sua pri-
são.

O artigo seguinte, 126, exprime
melhor o que vale essa liberdade
sovietica, quando define o Partido
Comunista, ao qual está entregue
toda autoridade da U. R. S. S.: "o
destacamento de vanguarda dos
trabalhadores em sua luta pela
consolidação e pelo desenvolvi-
mento do regimen socialista, o nu-
cleo dirigente de todas organiza-
ções, sejam ou não do Estado".

Mas onde a hipocrisia dos legis-
ladores soviéticos atingiu o maximo

grande nação latir
rado festivamente
rio, quer dizer, c
sario da data e
Mussolini, em c
anunciou a to
nação italiana
te de pé, na
resses e na r
sagrado dir
obra civiliza
fricano, di
contestado
perialistas
farçada c
borioso p
lonia ita
não de
essa da

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937

mprensa do Departamento de Propaganda)

sovietica, de objetos, moveis, economias, etc.,
unho do transmissivel até por herança.

da pelo O artigo 125 da nova constituição
ts, cujas sovietica sanciona as liberdades de
de no- palavra, de reunião, de manifesta-
cumento ção, de cortejo, etc. Tudo, porém,
absur- "de conformidade com os interes-
consti- ses dos trabalhadores e tendo em
de 1918 vista reforçar o regimn socialis-
ta... E' o mesmo que dizer a um
prece- preso que êle está livre, sem que
decla- possa, entretanto, sair de sua pri-
traba- são.

a por O artigo seguinte, 126, exprime
o que melhor o que vale essa liberdade
genuo sovietica, quando define o Partido
dos Comunista, ao qual está entregue

Como é notori
te, na Italia e
do, em toda p
estão domicilia
grande nação
rado festivan
rio, quer diz
sario da dat
Mussolini, c
anunciou
nação ital
te de pé,
resses e
sagrado
obra ci
fricano

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937

etc. os e en- desde 8\$ izada : EAO, rações A, horas E, HA, AS,

que nada fica a dever, em absurdos e falsidades, às cartas constitucionais que a precederam de 1918 a 1923.

Como as anteriores, está precedida a nova constituição da "declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado", redigida por Lenine. Isto apesar do ridículo que foi reconhecido a esse ingenuo substituto das "declarações dos direitos do homem e do cidadão", que datam da revolução francesa.

Um dos trechos mais interessantes é o que diz respeito aos diversos generos de propriedade que reconhece a U. R. S. S. : propriedade do Estado coletiva, cooperativa, e afinal, como expressiva confissão de fracasso dos objetivos comunistas, propriedade individual

palavra, de reunião, etc. "de conformidade com a vista reforçar o r ta... E' o mesmo preso que éle está possa, entretanto, são.

O artigo segue melhor o que v soviética, quando Comunista, a toda autoridade destacamento trabalhadores consolidação mento do reg cleo dirigente ções, sejam Mas onde ladores sovi foi os arti se fala de o serviço

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937

ão, etc. que -- e en- e 8\$ da : O, ções ras

sessões se iniciaram a 25 de novembro ultimo, é um documento que nada fica a dever, em absurdos e falsidades, às cartas constitucionais que a precederam de 1918 a 1923.

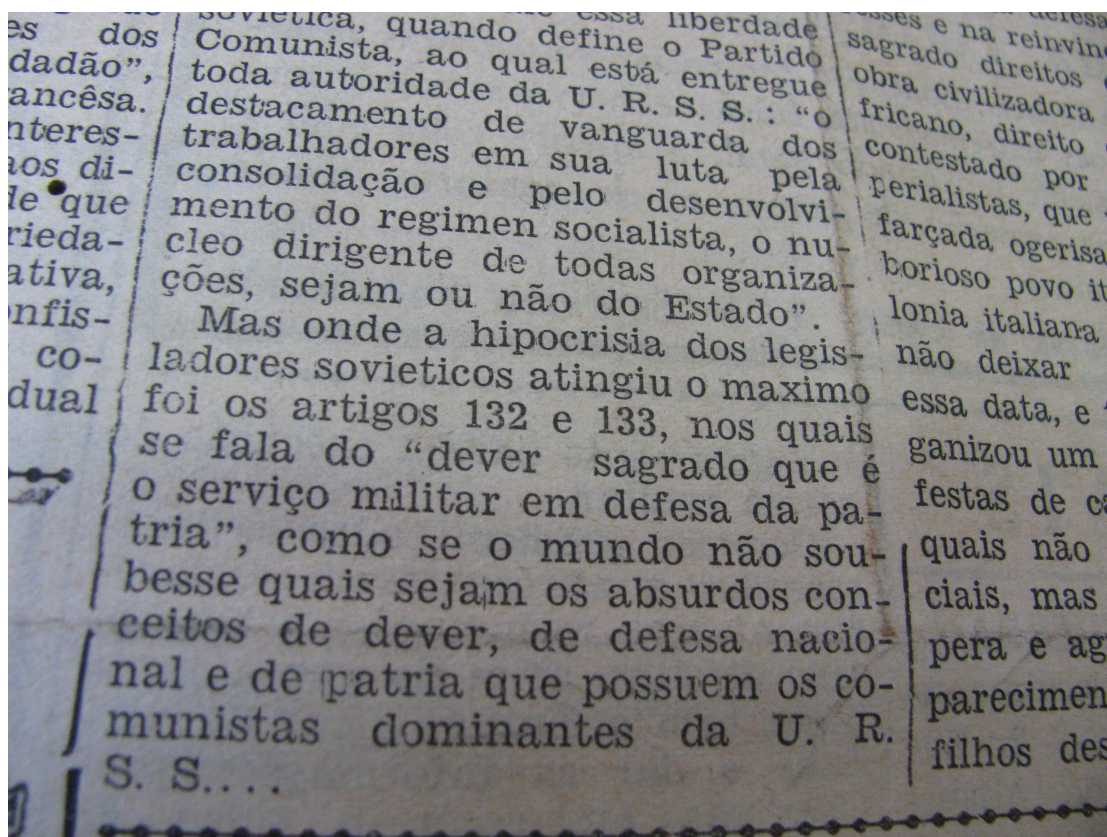
Como as anteriores, está precedida a nova constituição da "declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado", redigida por Lenine. Isto apesar do ridículo que foi reconhecido a esse ingenuo substituto das "declarações dos direitos do homem e do cidadão", que datam da revolução francesa.

Um dos trechos mais interessantes é o que diz respeito aos diversos generos de propriedade que reconhece a U. R. S. S. : propriedade do Estado coletiva, cooperativa, e afinal, como expressiva confissão de fracasso dos objetivos co-

O artigo 125 da no soviética sanciona a palavra, de reunião, etc. "de conformidade com a vista reforçar o r ta... E' o mesmo preso que éle está possa, entretanto, são.

O artigo se melhor o que soviética, quando Comunista, a toda autoridade destacamento trabalhador consolidação mento do r cleo dirigente ções, sejam Mas onde ladores so

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 07 de maio de 1937

Da mesma forma que como o jornal “Lavoura a Comércio” representava o pensamento empresarial da região manifesto pelo liberalismo, também existiam jornais que divulgavam os princípios e propostas católicas no Triângulo Mineiro, materializando um alvo de disputas políticas e de visões de mundo distintas no período histórico em estudo.

3.4 – Jornal Correio Cathólico

O jornal “Correio Cathólico”, de Uberaba representava os interesses do catolicismo na região. Seus princípios de atuação eram voltados para a conquista de fiéis e hegemonia política e religiosa. Sua concepção política era atrelada aos interesses governamentais varguistas atuando como ideólogos governamentais em seu raio de circulação.



Fonte: Jornal Correio Cathólico – 25 de agosto de 1935



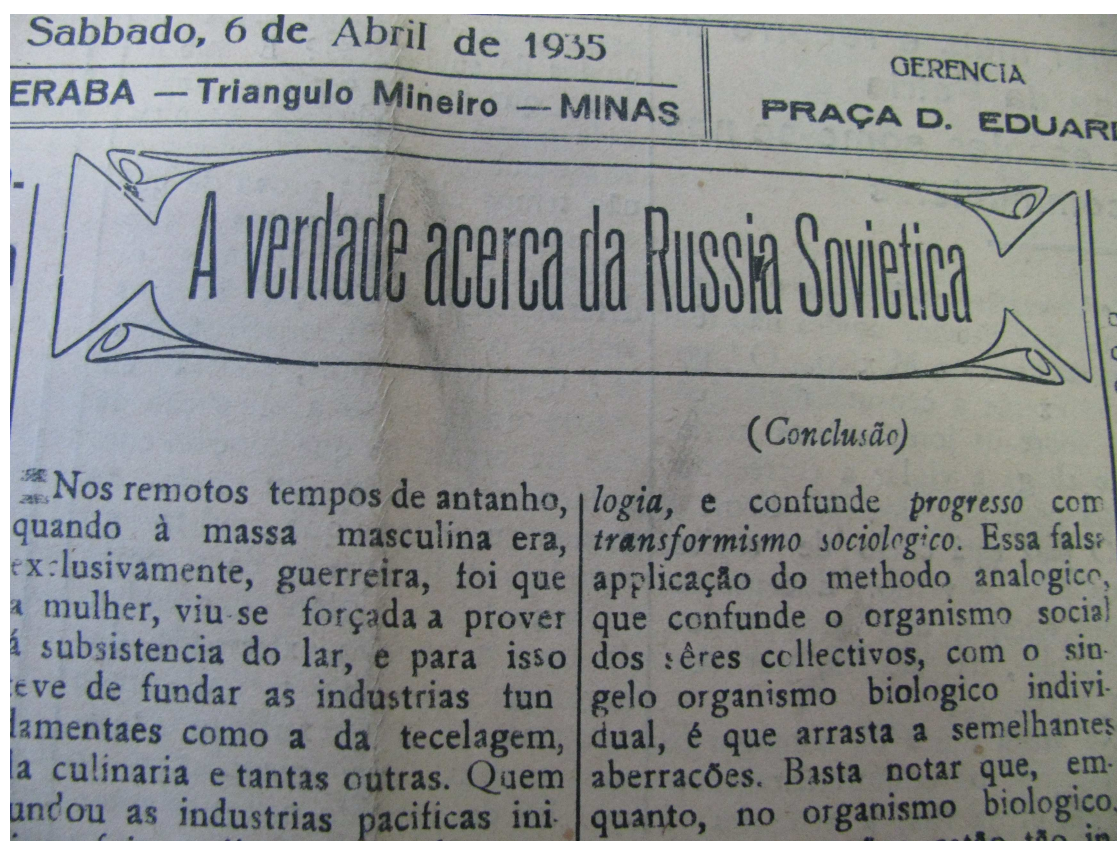
Fonte: Jornal Correio Cathólico – 22 de julho de 1939

As fontes acima apresentadas demonstram uma sólida aproximação da Igreja Católica com o Governo Vargas. Uma análise mais cuidadosa desse processo se explica pelos princípios inerentes a ambos voltados à legitimação dos discursos políticos no país e na região atingida pelo jornal. Não foi ao acaso o apoio governamental às concepções educacionais católicas.

O jornal demonstra nítido apoio à ditadura Vargas na repressão à Aliança Nacional Libertadora. Um olhar atento à fonte apresentada demonstra a preocupação com o empobrecimento dos ricos “lutando com grande dificuldade” e despreza a situação dos pobres, que apesar de também lutarem, sempre seriam pobres, condenados à salvação pela dificuldade. Merece destaque o que a Igreja entendia pela luta dos pobres. A luta dos ricos era entendida como ato de heroísmo e patriotismo. A luta dos pobres e trabalhadores por meio de greves e manifestações era entendida como baderna e anarquia, no sentido pejorativo e não filosófico no termo. Isso se explica em uma estratégia política da Igreja Católica para manter e conquistar a simpatia das classes dominantes da região. Uma sinalização pelo jornal do lado que ela estava e a quem realmente representava.

A posição da Igreja com relação à ditadura e sua consequente repressão à Aliança Nacional Libertadora, representante dos trabalhadores, exprime-se nas seguintes considerações: *o governo ao reagir às tendências anarquistas, longe de se mostrar precipitados, procedeu com prudência e legitimidade.*

Dentro deste contexto, merece destaque, também, a crítica radical ao comunismo soviético presente no “Correio Cathólico” em todo período investigado. É assim que, a exemplo dos outros jornais investigados, também se desenvolveu uma campanha de desmoralização do comunismo em nível internacional.



Fonte: Correio Cathólico – 6 de abril de 1935



Fonte: Correio Cathólico – 07 de dezembro de 1935

A crítica da Igreja Católica contra o comunismo faz referência à tentativa sem êxito de um levante contra o governo Vargas liderado pela Aliança Nacional Libertadora denominada como Intentona Comunista ocorrida no mês de novembro de 1935. A imprensa nacional noticiou o ocorrido em diferentes regiões do Brasil.



Jornal do Brasil divulgando o estado de sítio no Brasil

Fonte: <http://bloghistoriacritica.blogspot.com/2010/10/intentona-comunista-1935.html> Acesso dia 10 de junho de 2011 às 20 horas.